

KARL POPPER:
FILOSOFIA DA CIÊNCIA OU IMOBILISMO IDEOLÓGICO?

Josemir Camilo★

APRESENTANDO POPPER

Karl Popper virou moda da direita, ao sair da Física, tornando-se filósofo da Ciência e enveredando pelo campo das Ciências Sociais. Os dois trunfos políticos são os ensaios *A Sociedade Aberta e Seus Inimigos* e *Miséria do Historicismo*. Pode-se anexar a estes dois a *Lógica das Ciências Sociais*. Popper passa a dar lição de como fazer Sociologia, Antropologia e História.

Nascido austríaco, em 1902, filho de um liberal do império de Francisco José, Karl R. Popper se iniciou na biblioteca de seu pai, que era doutor em Direito. Conheceu a instabilidade econômica e ideológica das primeiras décadas do século XX, as idéias socialistas e social-democráticas, através de alguns amigos, mas sem se envolver com qualquer delas, a não ser quando em "dois ou três meses considerei-me comunista".

Em sua autobiografia intelectual, brilhante ensaio, Popper coloca paulatinamente sua evolução científica e filosófica, desde sua crise sobre o infinito e sua rejeição ao essencialismo, passando por Spinoza e Kant ainda adolescente. Sua revolta com o chamado socialismo científico, depois de um massacre em que a polícia matou colegas seus, socialistas e comunistas, o levou a duvidar cientificamente da teoria da luta de classes, tornando-se daí por diante seu cavalo de batalha. Sua posição anti-marxista, iniciada aos 17 anos, nasceu sob o calor dos sentimentos e da revolta de ter abraçado uma teoria dogmaticamente. Daí nasceram *A Pobreza do Historicismo* (1935) e *A Sociedade Aberta e Seus Inimigos* (1943). Para ele, então, o marxismo só teve uma função radical: evitar o dogmatismo e tornar-se um modelo intelectual (ao contrário do que pregavam os marxistas que conheceu que previam o conhecimento total, a arrogância do saber tudo e para tudo ter uma resposta infalível).

Tendo trabalhado no Instituto Pedagógico de Viena, Popper veio a apresentar sua tese de Pedagogia em 1928, *A Propósito do Problema do Método na Psicologia do Pensamento*, que marcava sua passagem para o campo da metodologia. A partir dos contatos com seus professores e dos

★ *Professor do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, Campus II – Campina Grande.*

Rev. RAÍZES	Campina Grande	Ano I	Nº 1	pgs. 147 - 156	jul. - dez. / 1982
-------------	----------------	-------	------	----------------	--------------------

trabalhos anti-marxistas desenvolvidos, mas não divulgados, Popper se tornou bastante conhecido nos círculos intelectuais de Viena. Por esta época, os positivistas lógicos do Círculo de Viena procuravam a demarcação entre Ciência e a Não-Ciência, uma vez que ele mesmo admitia que a metafísica era com freqüência precursora das idéias científicas. Encaminhava-se assim pelo Racionalismo Crítico e pelo Empirismo, como que juntando as correntes do empirismo inglês e do racionalismo cartesiano.

Portador de uma erudição exemplar e músico amador (chegando a criar teoria específica, nesta área), além de matemático e físico, Popper enveredou não só pela filosofia da Ciência, mas também, através de um posicionamento político liberal-burguês, pela teorização das Ciências Humanas. Iniciara-se com *A Pobreza do Historicismo*, sua refuta ao marxismo historicista e providencialista, que vivera nos anos da social-democracia; continuara em *A Sociedade Aberta e Seus Inimigos*, chegando à *Lógica das Ciências Sociais* (1962).

Além destes títulos, existem ainda em português *A Racionalidade das Revoluções Científicas*, na coletânea Herbert Spencer, editada pela Edusp, e *O Conhecimento Objetivo; Uma Abordagem Evolucionária*, pela Itatiaia. Recentemente a Universidade de Brasília editou *Conjecturas e Refutações*, coletânea de discursos e ensaios, produzidos ao longo de sua carreira, onde pontifica o trabalho *Que é a Dialética?*, escrito originariamente em 1937 e publicado em 1940. Sobre Popper existe um volume da série *As Idéias de...*, escrito por Bryan Magee, da Cultrix/Edusp.

O livro de introdução de seu pensamento científico é sem dúvida *A Lógica da Pesquisa (científica)*, onde propõe seu conceito-limite de ciência e não-ciência. Sua tese central é de que não existe indução, cujo método, diz ele, nunca foi definido clara e cientificamente. O método popperiano é a dedução e o argumento de ciência é a falseabilidade das teorias. Ou seja, a teoria científica é aquela susceptível de testes, a que tenha probabilidade de ser refutável. Popper usa aqui o mesmo ponto de referência científico dos positivistas: a testabilidade dos enunciados teóricos.

Popper nega que teorias universais sejam deduzíveis de enunciados singulares. Acredita apenas que haja teorias “melhores” e “piores” (sic.), de acordo com seu maior ou menor poder explicativo. Quanto maior for seu conteúdo informativo, menor será a sua probabilidade de erro, isto proporcionalmente às diversas maneiras de testabilidade. Para isto, defende que as teorias científicas devem ter alto conteúdo informativo e baixa probabilidade de refutação.

Além destes elementos positivistas (a forma de conceber a testabilidade) Popper se volta ao idealismo, quando defende a metafísica, contra

os postulados do Círculo de Viena. Baseado em Kant, ele afirma que o conhecimento “consiste em teorias, hipóteses e conjecturas que nós formulamos como produto de nossas atividades intelectuais”¹). Diz ainda que se pode comparar o conhecimento como um “estado de espírito subjetivo de certo organismo”. Mais formalmente, ele acha que o conhecimento é um sistema de enunciados, que se torna objetivo (quando exposto à discussão), embora hipotético e conjuntural.

Apesar de recusar o conceito-limite de ciência dos positivistas lógicos de Viena, Popper volta a este conceito (verificabilidade) na etapa de seu raciocínio que é a refutação de uma teoria pelo conflito com um enunciado particular. Embora este último seja refutado em Popper como elemento do suposto método indutivo, os enunciados particulares voltam a ter valor em Popper, como elementos de teste e verificação para o falseamento ou não de uma teoria.

Com toda sua argumentação anti-essencialista e anti-indutivista e com sua carga de vivência ambígua, ideologicamente falando, Popper assentou suas críticas contra o historicismo e a dialética. Tornou-se um vigoroso crítico aos marxistas mecanicistas que ele conheceu, na prática e em obras, chegando a produzir em 1937, como reação, o ensaio *Que é a Dialética?*

Provavelmente Popper se baseia nas obras de juventude de Marx e não em *O Capital*, principalmente nas obras políticas. Sua crítica é procedente, quando denuncia um marxismo providencialista, historicista, mas é de um reducionismo tão simplório, que deixa perceber uma posição exatamente sentimental e ideológica, coisas que ele denuncia nos marxistas. Além deste posicionamento, o seu racionalismo é algo ex-máquina. Senão vejamos como define a tríade dialética.

Em *Que é a Dialética?* Popper a refuta, dizendo que uma teoria que tenha duas afirmações contraditórias, pode-se dizer o que quiser dela. Diz textualmente: “Uma teoria que acrescenta a toda informação que afirma sua respectiva negação não nos informará nada”. Assim, uma teoria que implica uma contradição é inteiramente inútil como teoria.

Popper acha que a síntese é produto do raciocínio e não algo inerente ao ser. Volta, aqui, a colocar a Razão como algo independente da natureza e refuta o esquema de Engels da semente/planta (tese/antítese), alegando se tratar apenas de fases do desenvolvimento de uma só coisa.

Não sabemos como Popper vê, por exemplo, a existência da burguesia, sustentada pelo operariado. Provavelmente não vê contradição nesta existên-

(1) Popper, K: *Autobiografia Intelectual*, São Paulo, 1977, p. 93.

cia, ou, ao menos, não admite que uma teoria se utilize de operários para provocar uma luta, sob o signo da teoria dialética, de que pela contradição se suprime, se nega a situação dada (a tese), a burguesia. Como Popper acha que o marxismo é uma doutrina ideológica, portanto conclui que sem verdades científicas, se torna um massacre levar as massas a lutar por algo de que não se tem certeza se corrigirá ou não as injustiças. Como se vê, o racionalismo popperiano é antes e acima de tudo ideológico. Não precisava sequer que ele dissesse que deixou de ser socialista porque prefere gozar a liberdade (bem entendido, individual) a lutar por uma igualdade, da qual não se tem certeza. Daí que seus posicionamentos de liberal-burguês tornaram-se uma arma para os conservadores, chegando a ser reconhecido cavalheiro da Coroa da Inglaterra.

Sua posição ideológica, mais de uma vez é enunciada de forma categórica contra o marxismo, que chama de método e não de teoria. Ele chega a afirmar que tem a decisão exclusiva de não admitir, a nível teórico, a contradição como elemento de progresso. Para ele, admitir contradições numa teoria, principalmente que estas sejam inevitáveis, seria não admitir a crítica, a ciência. E, para provar que as contradições são vazias, porque delas se pode deduzir o que quiser, Popper recua à lógica formal e até ao silogismo. Mesmo admitindo que a dialética seja uma teoria com contradições, e que possa ser "interessante", Popper tenta provar que é falsa, baseando-se em argumentos de Marx sobre a revolução a partir do modo de produção, o que foi, segundo ele, contrariado pela Revolução Russa, que teria começado por um movimento na esfera política. Aqui reside uma das inúmeras reduções que este autor faz do pensamento de Marx, pois se sabe que o elemento fundamental para uma revolução é a contradição aguçada entre as relações de produção e as forças produtivas. Coisa pela qual a Rússia passava desesperadamente, como comprova o enorme exército de reserva de camponeses famintos e sem terras, e a própria falência da Rússia na I Guerra Mundial.

Mas Popper volta à tona, alegando que a teoria dialética será sempre salva, porque os marxistas a imunizarão, sob a alegação de que os fatos políticos estão evitados de motivos econômicos. A imunização, aqui é condenada. A hipótese auxiliar, tão usada na física teórica, também é condenada. Os marxistas não podem lançar mão desses dois argumentos que contornariam o falseamento da teoria dialética. Para Popper, as teorias abstratas, como as de Newton ou Einstein podem recorrer a hipóteses auxiliares e estarão caminhando para a verdade científica. Mas o marxismo, não. Se assim o fizer apenas estará mostrando desonestidade. Dois pesos e duas medidas, mostrando ainda que o caráter popperiano de falseamento pode ser contornado.

Embora ele alegue, que em tal estado (no uso da hipótese auxiliar) estas teorias (enquanto não refutadas) devem continuar com o caráter de hipótese ou conjunturas.

Submetida a uma análise dialética, a obra de Popper se mostra falha, em sua intenção de fazer filosofia sobre as Ciências Humanas. Falha, porque ignora os pressupostos básicos, históricos, das sociedades constituídas com suas organizações e contradições de classes, suas respectivas ideologias. Ao propor uma engenharia social, Popper parte do dedutivo, do racional do “é” e não do como tem sido ou de como pode e deve ser. Vejamos sua confusão entre historicismo providencialista e os homens como agentes da História. Ou, por que sua ideologia serve ao sistema dominante do capitalismo?

Quem é Popper filosoficamente? Adepto do racionalismo crítico, como se professa, é chamado por seus críticos de neo-positivista, denominação que não aceita, tentando provar que nunca esteve ligado ao Círculo de Viena. Como se só isto fosse necessário ou suficiente para determiná-lo. O autor invoca opiniões de outros para demonstrar que justamente por sua causa é que o neo-positivismo faliu, devido às suas críticas.

Limitar-se-á aqui o presente ensaio a analisar *A Miséria do Historicismo*, que como o título já pressupõe, é uma crítica a Marx, parodiando a *Miséria da Filosofia*. Trata-se de um ensaio esboçado cerca de 1920, retomado em 1935 para leituras em círculos de amigos, e publicado na Inglaterra em 1944/45. A primeira edição no Brasil é de 1980, e seus prefácios são de 1957 e 1959.

Para se descobrir os ataques cerrados de Popper à história, ao historicismo e ao Materialismo Histórico é fundamental ler sua *Autobiografia*. De início, no ensaio d’*A Miséria*, ele coloca a antinomia que lhe preocupou desde os 15 anos: essencialismo versus nominalismo. E foi daí que sentou praça contra o essencialismo, optando obviamente pelo nominalismo. Descobriu posteriormente (à adolescência) que certas concepções da História estavam eivadas de essencialismo. Então transferiu suas primeiras rejeições ao essencialismo de Spinoza para a História. Trata-se do problema dos universais, e a diferença entre estas duas categorias é apresentada um pouco informalmente por Popper. Os essencialistas se perguntam “O que é?” enquanto os nominalistas se perguntam “Como?”.

O ANTI-HISTORICISMO: CIÊNCIA OU IDEOLOGIA?

Pretende-se aqui seguir o raciocínio do autor, sempre que possível, dentro da exposição que se encontra no ensaio. Para isto deverá se questionar desde o prefácio, onde ele expõe o que entende por historicismo.

O que é o historicismo? Ele responde na dedicatória àqueles que tomaram vítimas da crença fascista e comunista em *Inexoráveis Leis do Destino Humano*. Aí está. Historicista é aquele que acredita que a História possui leis inexoráveis, e que assim seria possível prever o futuro da humanidade. Popper tentará provar através da “lógica” que isto é impossível, alinhando-se assim a grande maioria de teóricos não-marxistas na sua divulgação do indeterminismo na História.

Estrutura sua refutação, no prefácio, em várias etapas, tomando como ponto de partida, algo que pode dizer exatamente qual é seu respaldo filosófico: “o curso da história humana é fortemente influenciado pelo crescer do conhecimento humano”. 2) Portanto, a Razão, o Saber, como elemento, senão determinante, mas fortemente influenciador do curso da História. Para não perder a freguesia dos marxistas, ele recorre a estes alegando que tal premissa “tem de ser admitida até mesmo por aqueles para quem as idéias (. . .) não passam de meros subprodutos de desenvolvimentos materiais desta ou daquela espécie”. 3)

Esta sua primeira etapa de refutação, nos leva à conclusão de que seu enunciado ou é totalmente desnecessário ou tentou abrir demais o leque para atingir gregos e troianos e, daí, o vazio do enunciado. O que significa “fortemente influenciado”? Termos, cujo valor conceitual é vulgar e elástico, não prestam para usos científicos.

À segunda etapa, Popper arma um jogo de palavras em que troca História por conhecimento: “Não é possível predizer (. . .) a expansão futura de nosso conhecimento científico”. Seria importante que ele separasse as duas coisas, embora sustentasse a impossibilidade de ambas. Mas, o que ele faz compreender é que, se se admite esta premissa como verdadeira, a sua terceira, por consequência, como ele quer, também seria verdadeira: “Não é possível, conseqüentemente, prever o futuro curso da história humana”. 4) Um silogismo vulgar, pois não. Além de reforçar a preeminência do Saber, da Razão sobre as condições materiais em que a história humana se realiza.

Na quarta etapa, seu pensamento, já arrumado, pelas sugestões anteriores alega que não devemos admitir uma História Teorética (como existe a Física Teorética, assim ele se expressa). Continua: “Não pode haver uma teoria científica do desenvolvimento histórico a servir de base para a predi-

(2) Popper, K: *A Miséria do Historicismo*, São Paulo, 1980, p. 2.

(3) Popper, K: *A Miséria do Historicismo*, São Paulo, 1980, p. 2.

(4) *Idem*.

ção histórica”. 5) E aqui vai residir a neurose obsessiva de Popper: impedir a todo custo que a História tenha um status igual ao de sua Física. Durante todo seu discurso ensaístico, o modelo metodológico da Física virá à tona constantemente. Manuseia-o como um fetiche.

Ao fim da exposição destas etapas, alega que sua refutação apenas se limita a impossibilidade de predizer o desenvolvimento histórico na medida em que possa este ver-se influenciado pela expansão do conhecimento humano. Nega, aqui, implicitamente, a fundamentação do Materialismo Histórico, de que é possível se fazer a História. Nega que a consciência crítica possa levar as classes sociais a fazer história. Para isto, durante o ensaio, se utiliza do universo terminológico da ciência positivista para rechaçar a prática histórica. Confunde (intencionalmente?) “fazer história” com “previsão exata do futuro”.

Já na introdução, Popper se distingue como dualista ao tratar do método para as Ciências Sociais: “. . . procede classificar essas escolas em naturalísticas e antinaturalísticas”. As naturalísticas seriam as “positivas”, aquelas que aplicariam o método da Física, e as antinaturalísticas ou “negativas” as que se opusessem a isto. Como se vê, Popper nem se lembra da dialética.

Nesta introdução, ele diz da forma mais clara o que entende por historicismo, embora espere que ninguém caia no essencialismo de perguntar o que significa esta palavra.

É bom que se entenda a quem Popper chama de historicista. Junta num mesmo rótulo tanto os providencialistas, como deterministas e materialistas históricos. Em parte, verdadeiramente os dois primeiros assim se apresentam, admitindo um progresso histórico. Quanto aos marxistas, seria interessante verificar que corrente está eivada de historicismo, como por exemplo estão os stalinistas e os marxistas do começo do século. É bem mais importante ainda esclarecer que o marxismo não se pretende previsor do futuro (exato) ao colocar o socialismo como caminho (inevitável?) para se sair do caos da exploração capitalista. Dito isto, pode-se retomar a lógica do ensaio.

Em seu primeiro capítulo Popper aborda os argumentos usados pelos historicistas, segundo ele. Expõem-os e os refuta um a um. Ao refutar, apresenta uma construção aparentemente lógica de defesa ao historicismo, como se denota ao analisar o verbete **Generalização**. Sustenta o ponto de vista do historicista e diz que tal concepção (evitar a generalização) só satisfaz aquelas que querem interferir na história, os ativistas. E toma como exemplo

(5) *Idem*, pp. 2-3.

padrão de ativismo a Marx, na sua XI Tese sobre Feuerbach. Além de ativista (no sentido pejorativo que impõe Popper), historicista (“famoso”). Sem querer, Popper tira Marx do meio dos intelectuais de gabinete (como o próprio Popper serve de exemplo) e o transforma num ativista revolucionário.

Às vezes e, para um historiador, Popper dá a entender que conhece muito pouco de Teoria da História. Mostra como elementos do historicismo coisas bastante vulgares, como é o caso da generalização, e outros conceitos como o de experimentação, da novidade (a não-repetição dos fatos), complexidade do fato social-histórico, inexatidão das predições, objetividade, valorização, holismo (a sociedade não é só a soma de seus grupos ou membros, é algo mais), compreensão intuitiva, métodos quantitativos e a discussão sobre a essência das coisas/descrição das coisas (essencialismo/nominalismo).

À refutação do historicismo às idéias de que as Ciências Sociais devem utilizar o método naturalístico da Física, Popper apela para degradar este posicionamento, chamando os historicistas de voluntaristas, relativistas e ativistas. Ao que se percebe, em linhas gerais, é que este ensaio, ou os seus motivos, estão superados há décadas, haja visto as novas correntes historiográficas e as novas formas políticas baseadas na interpretação do materialismo histórico. Quanto aos historicistas providencialistas e deterministas, estes já se encontram calados há tempo, só promovidos por instituições retrógradas a serviço do imobilismo social e da repressão ideológica. Superação esta, devido a última revisão do ensaio ter sido feita em 1956, quando a desestalinização ideológica não havia ainda surgido (o primeiro sinal, como já é público, é o de Sartre; 1957).

Por outro lado, a concepção de História de Popper é paupérrima. Embora ele não a defina, deixa transparecer nas suas refutações e, mais ainda, que, do historicismo ele só se preocupe em refutar a predição futura e exata (ela sempre bate nesta tecla positivista e naturalística). Mais das vezes deixa escapar sua concepção de História como descrição, como dá para entender na página 18 da obra agora analisada, quando se refere à história do sistema solar.

Parece que Popper criou um monstro para com ele lutar. Juntou várias concepções historiográficas (algumas pouco claras e outras nem isso.). O historicismo de Dilthey, o weberiano (a compreensão), o Agostiniano, o dialético e outros que se possam depois perceber, com interpretações vulgares, que nunca tiveram chancela “científica” de História, tudo isto é o historicismo atacado por Popper.

Para reforçar a interpretação vulgar que Popper tem de História, é bom que se veja como ele compreende a tarefa da ciência social: “é a de descre-

ver clara e adequadamente aquelas entidades, ou seja, distinguir o essencial do acidental e isso pede conhecimento das essências".⁶⁾ Apesar do texto ambíguo (não se percebe claramente se o autor está emitindo seu pensamento ou expondo outros cientistas sociais) observa-se a limitação de Popper, ao não conhecer outras interpretações das Ciências Sociais. Novamente Popper se recusa a discutir a essência das Ciências Sociais (já que ele é anti-essencialista) preferindo encarar o "como" as Ciências Sociais trabalham sobre a realidade social.

O essencialismo das Ciências Sociais para Popper estaria no realce qualitativo que se dá aos eventos, na "ênfase posta na compreensão intuitiva (em oposição ao simples descrever)". Aqui, o autor esquece o historicismo positivista que é eminentemente nominalista, haja visto que adotara o método naturalista (das ciências positivas) para a História. Para o positivista a ênfase no evento e sua descrição é que são nominalistas. Portanto, escapa a Popper uma crítica ao historicismo positivista.

Quanto ao valor qualitativo dos eventos, esta atitude parece demonstrar apego muito mais ao nominalismo do que ao essencialismo, ao menos dentro dos padrões que Popper coloca. O questionamento sobre a essência das coisas é visto por ele como uma colocação metafísica e conseqüentemente a-historicista (aqui há uma contradição profunda, porque Popper juntou diversas concepções historiográficas, onde em algumas predomina o essencialismo, mas em geral e tradicionalmente perdura o nominalismo, sem esquecer a dialética). Os positivistas, por exemplo, não procuram descobrir a essência das coisas, como historiadores principalmente. Outras concepções historiográficas buscam a essência e a aliam aos eventos. Só aqueles que se pretendem "filosóficos" e não historiadores críticos se apegam decididamente ao essencialismo.

Popper lança mão, paradoxalmente, ou para mostrar a contradição dos historicistas, do essencialismo para contrariar a outra concepção básica da História que é a mudança. Utilizando-se do suposto essencialismo historicista (ou historiográfico?, Popper às vezes não diz claramente sobre quem aponta a crítica deixando margem suficientes de deslizes) diz ele: "Todavia, cabe dizer, que, na medida da existência de um governo, este é essencialmente o mesmo, ainda que possa ter experimentado considerável transformação. Sua função (sic.) na sociedade moderna, é essencialmente análoga à função que, há quatrocentos anos, desempenhava".

(6) Popper, K: *A Miséria do Historicismo*, São Paulo, 1980, p. 26.

BIBLIOGRAFIA DE POPPER

- 1) AUTOBIOGRAFIA INTELLECTUAL. Cultrix/Edusp. São Paulo 1977 (1.^a edição em inglês: London 1976).
- 2) A LÓGICA DA PESQUISA CIENTÍFICA. Cultrix/Edusp. São Paulo 1975 (1.^a edição em alemão: 1935).
- 3) A SOCIEDADE ABERTA E SEUS INIMIGOS. 2 Vols. Itatiaia/Edusp. São Paulo 1974. (1.^a edição em inglês: 1945).
- 4) A MISÉRIA DO HISTORICISMO. Cultrix/Edusp. São Paulo 1980. (1.^a edição em inglês: 1944).
- 5) CONJECTURAS E REFUTAÇÕES. Editora Universidade de Brasília, 1981. (1.^a edição em inglês: 1963).
- 6) A LÓGICA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS. Tempo Brasileiro, 1978. (1.^a edição em alemão: 1969).
- 7) CONHECIMENTO OBJETIVO. UMA ABORDAGEM EVOLUCIONÁRIA. Itatiaia/Edusp. 1972. (1.^a edição em inglês: 1972).
- 8) A RACIONALIDADE DAS REVOLUÇÕES CIENTÍFICAS. In: Problemas da Revolução Científica. Organizado por R. Harré. Itatiaia/Edusp, 1976. p. 91-122. (1.^a edição em inglês: 1973).
- 9) O RACIONALISMO CRÍTICO NA POLÍTICA. Cadernos da UnB, Brasília, 1981.